pspEr

ART MAGAZINE #11 ANO II SETEMBRO | NOVEMBRO 2018 $20 REAIS

Maria Nepomuceno
A Gentil Carioca
Instituto Vida Livre
Instituto Casa Roberto Marinho
Sylvia Werneck
Paulo Paes
Elisa Pessoa
Martin Ogolter
Iara Rosa

#MAM70anos

ANTONIO DIAS O ILUSIONISTA

22 set - 11 nov 2018

Antonio Dias, "The Illusionist", 1974,
Coleção Gilberto Chateaubriand MAM (detalhe)

Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro

ter - sex 12h - 18h | sáb, dom e feriados 11h - 18h
mamrio.org.br | facebook/museudeartemodernadoriodejaneiro | twitter/mam_rio
instagram/mam.rio | youtube/mamriodejaneiro

mantenedores parceiros apoio de mídia realização

LEI DE INCENTIVO À CULTURA · REDE D'OR SÃO LUIZ · PETROBRAS · BR · TECHINT · BOLSA DE ARTE · PIPA · Elevadores SALTA · ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE · JBFM · M2U DIGITAL · METRÓPOLIS · inuepar · revista piauí · Clube O GLOBO Sou + Rio · MINISTÉRIO DA CULTURA · GOVERNO FEDERAL

IMPRESSUM

Agradecimentos
Michèle Lippens, Sylvia Werneck, Rosa Melo
Guto Carvalhoneto, Marcio Botner

babEL digital
https://issuu.com/babbienal

Instagram
armandomattos_studio
#babelbuziosmagazine

Facebook
Babel_magazine

babEL Art Magazine

Editor: Armando Mattos

Direção Criativa: Armando Mattos & Claudio Braz

Direção de Arte: Claudio Braz Design

Conselho Consultivo: Mônica Villela, Laura Lima, Alexandra Aguirre, Clemente Neto

Revisão de Texto: Leandro Salgueirinho

Mídia Digital: Caroline Moreira

Edição: bab Bienal

Impressão: A Tribuna Gráfica

Tiragem: 4000 exemplares

www.babelartmag.com.br

HBD SPA

UMA EXPERIÊNCIA DE BELEZA NO CORAÇÃO DE IPANEMA

Rua Barão de Jaguaripe 182 Ipanema • Rio de Janeiro
Tel: (021) 2522.0669 | 2522.1938 | 9844445946

Terça a Sábado 7:30 às 20:00

Instagram: @hbdspa @dudamerkelbarg • Facebook: hbdspa

pelo bem
pelo bom
pelo belo
be.bo.
arquitetura e design
Casa Cor 2017 | Foto: André Nazareth
www.bebo.etc.br | contato@bebo.etc.br | 021.3235.2000

Cel: 55.22.98135.7945
Email: projetoconcreto@gmail.com

bab bienal anual búzios

CONTEÚDO

CAPA Sem título | 2018

76 Maria Nepomuceno

09 Editorial | Sylvia Werneck

12 Laura Lima

14 Instituto Fundação Casa Roberto Marinho | 10 Modernos

30 Elisa Pessoa

38 Dando Sopa | Rebecca Lockwood

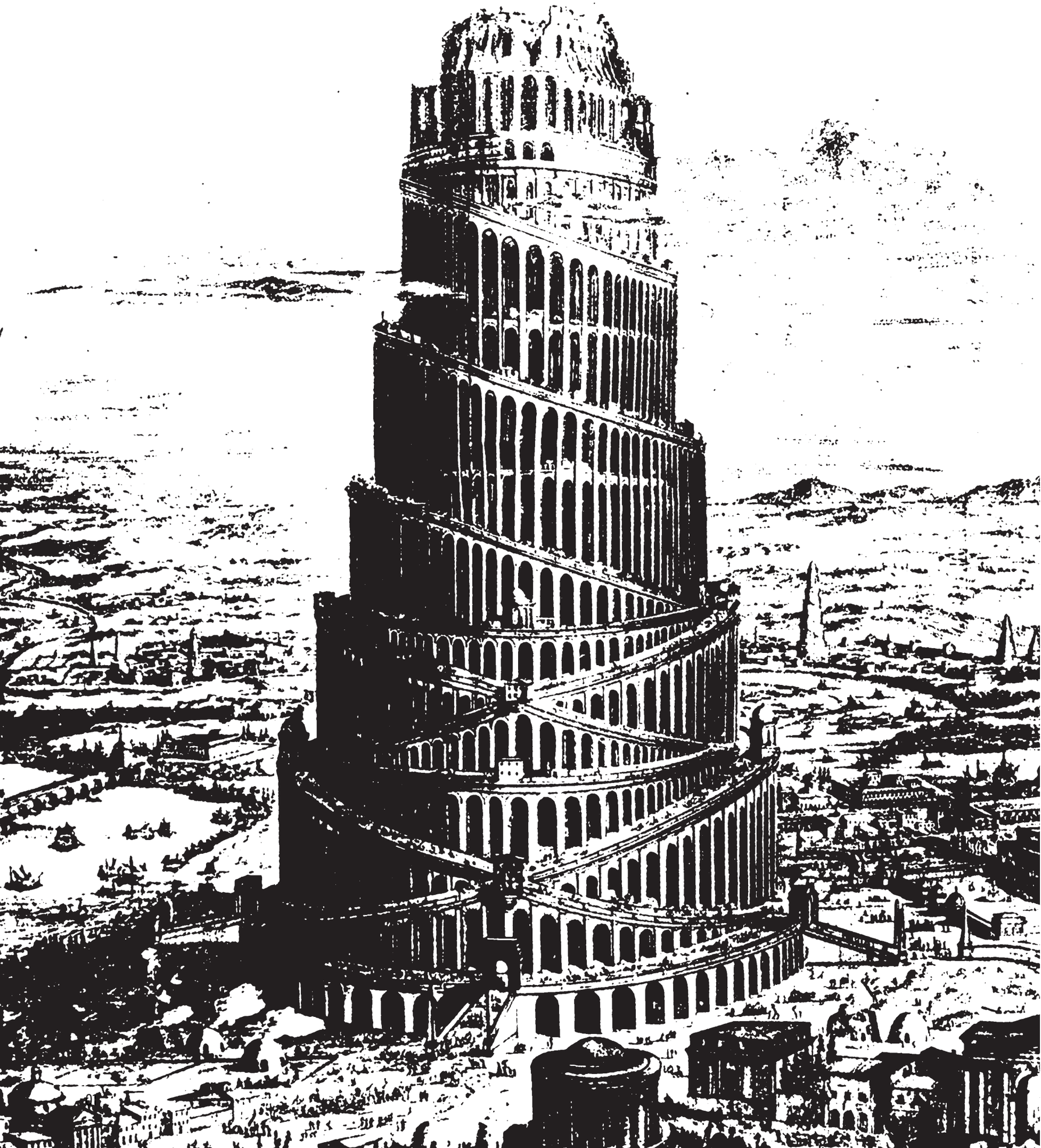
44 Iara Rosa

46 Instituto Vida Livre | Roched Seba

54 Martin Ogolter

60 Paulo Paes

66 A Gentil Carioca | Marcio Botner



EDITORIAL

por Sylvia Werneck | setembro | novembro 2018

A que se destina uma revista de arte? A falar sobre arte? E o que é arte? Quais são os seus limites, como definir até que ponto estamos falando de arte e até que ponto estamos falando da vida, ou simplesmente filosofando sobre como é ser no mundo?

Babel é palavra cheia de implicações – não é por acaso que o criador da revista, Armando Mattos, a escolheu como nome da publicação. Sua justificativa costuma ser a de que bab se refere à Bienal Anual Búzios e que o "sufixo" EL serve para aludir à sonoridade da palavra papel; a revista seria, então, a extensão "papélica" da residência. Mas todo mundo sabe, Armando inclusive, que se trata de muito mais que isso.

A Babel do Gênesis, aquela da torre, tem conotação negativa. Em hebraico, babel significa confusão. A estória da construção da torre que pretendia chegar ao céu e causou a ira de Deus, que espalhou o desentendimento entre os homens fazendo-os falar línguas diferentes é famosa em quase todas as culturas. Costuma ser usada para ilustrar a divisão entre as pessoas, seu isolamento perante os outros.

Já esta nossa babEL é o oposto disso: babEL é polifônica, é plural, é integradora e é acolhedora. Em seus dois anos, seu papel jornal, poroso e respirável serviu de plataforma para falar da bab, de Búzios, de meio ambiente, de comida, de design, de gente que vem e de gente que vai e, sempre, é claro, de arte. Mas arte num sentido expandido, permeável, em suas trocas com todas as experiências das relações humanas, animais e vegetais, como podemos constatar pela riqueza de abordagens, não apenas dos trabalhos dos artistas que já participaram da bab, como também pelos múltiplos temas registrados em suas páginas. babEL é gestada na península, mas cada filhote se mostra híbrido, avesso ao confinamento geográfico ou temático.

Esta edição comemora vários aniversários: os 2 anos da babEL, os 10 da bab e os 15 d'A Gentil Carioca, parceira valorosa que começou suas atividades na mesma época em que o desbravador Armando trocou o Rio pela Armação dos Búzios e armou aí um polo de cultura. Muita água rolou pela Baía da Guanabara e pelos Lagos fluminenses, e aqui oferecemos uma degustação deste apetitoso cardápio.

Para homenagear A Gentil, galeria de características únicas que agora debuta, brindamos o leitor com uma entrevista com o artista Marcio Botner, que fala sobre a trajetória, exposições e projetos da casa gerida por ele e pelos também artistas Laura Lima e Ernesto Neto. Entre muitos pontos, ele fala dos eventos que expandem a atuação, de seu otimismo na relação com o mercado e sobre novos artistas.

A pauta também resgatou o interesse inaugural do artista/editor em abrir espaço para ações ecológicas. Esta é uma preocupação sua desde que chegou a esta cidade, circundada por áreas de proteção ambiental que não recebem a devida atenção e são, portanto, sistematicamente destruídas pela especulação imobiliária. Em breve, Armando pretende desenvolver uma parceria com o Instituto Vida Livre para propor ações de proteção para os gambás e gatos mouriscos, nativos da fauna silvestre local, vítimas da ignorância de novos moradores, que abatem estes e outros animais da região por pura ignorância. Sensibilizar e informar a população a respeito da preservação do meio ambiente e espécies autóctones faz parte dos objetivos da revista. Roched Seba, idealizador do Vida Livre, fala sobre este projeto que integra arte e ecologia. Nesta linha, apresentamos também o Projeto Fisálias, continentes flutuantes de Paulo Paes com texto de Luisa Duarte. Alexandra Aguirre faz uma análise dos entremeios de fronteiras difusas da produção de Elisa Pessoa, enquanto nossa capa se veste com a obra de Maria Nepomuceno, entrevistada por Armando e que exibe trabalhos inéditos n'A Gentil Carioca.

Como novidade para esta edição de aniversário, convidamos o designer Claudio Braz, sediado em Nova York, para criar um novo visual para a babEL, que tem ainda o conto inédito de Iara Rosa e a fotografia de Martin Ogolter, da série Corpus, em exibição na Áustria.

De volta às eco-ações, nossa correspondente gastronômica, a chef Rebecca Lockwood, entrevista a naturopata Marta Caras Lindas Vasconcelos, que explica a importância inegável da alimentação baseada em produtos orgânicos, locais e sustentáveis, não apenas para a nossa saúde, mas para a saúde do planeta. Monica Villela apresenta as novidades na programação da Fundação Roberto Marinho num texto inédito sobre um dos maiores acervos do modernismo brasileiro.

Por fim, Laura Lima dá entrevista a Alexandra Aguirre sobre sua visão da bab como um campo de trocas artísticas que mescla produção, análise e curadoria. Em sua abordagem filosófica do programa de residências, Laura destaca as peculiaridades que fazem deste um programa em constante transformação, tanto para quem participa como para quem frui os frutos.

Vida longa à babEL!

GUTOCARVALHONETO.COM

Banco George Nelson, design década de 40

ÂMBAR

LUIZ RANDON

Rua Manoel Turíbio de Farias, 202A Centro, Búzios
tel. 22.26234298 cel. 22.981238942

instagram: luizrandon_ambar | facebook: Luiz Randon

Laura Lima

conversa com Alexandra Aguirre

Laura Lima, na residência bab bienal | Búzios | 2017

Laura, o que você pode dizer sobre sua experiência na bab e o que a distingue de outras residências?

Bom, eu fiz a residência da bab lá no ateliê do Armando, que é este da casa de Búzios. É sobre este que vocês estão escrevendo, certo? Porque eu já participei da babEL também, numa edição, e depois eu fui algumas vezes. Eu e Armando, a gente sempre teve uma troca grande, já fez alguns trabalhos, inclusive exposições, como "A felicidade de Adão", que foi uma exposição que fizemos na Laura Marsiaj, mas, sobre esta residência na casa de Búzios, o que eu tenho pra dizer é o seguinte:

A pesquisa do Armando tem uma complexidade muito atenta sobre a convivência e a linguagem dos outros artistas. Ele é um artista que tem uma produção peculiar, pessoal e que também sempre trabalhou com estas questões de trocas, admitindo que trabalhos de outros artistas pudessem ser parte de uma pesquisa dele (isso é uma virada mais conceitual sobre o que estou dizendo, a ação de curadoria é um ato de criação do ponto de vista como ele opera). O que eu acho interessante no trabalho dele é que ele faz esta amplitude, esta proposta conceitual, como se ele encontrasse ferramentas internas na atuação destes artistas, ferramentas onde ele pode achar espaços entre, que ele possa, colocando estes artistas em conjunto, construir uma linguagem que também é uma linguagem dele. Então, por exemplo, uma curadoria dele de uma exposição pode ser uma obra dele, o que também é interessante porque ele coloca em questão a própria ideia de curadoria como uma possibilidade de um trabalho de arte e isso é, sim, possível, potencialmente possível, principalmente vindo de um artista.

Com isso, ele acabou criando, digamos, várias plataformas: desde publicações, exposições em conjunto (como esta que eu fiz com ele), que são atravessamentos, como a própria ideia da bab, que é um trabalho que ele sempre fez em caráter hercúleo, solitário, de produção, conseguindo fazer com que a cidade se movimentasse. Um projeto bastante bacana e que também tinha uma questão, uma ideia do improviso, mas não do improviso no sentido pejorativo, mas do improviso como experimentação e exercício de arte. Não estamos aqui falando de uma bienal que está interessada em responder a todo um programa de serviço, como o de transporte de obras, expografia etc., estamos falando de uma bienal de experiência de fato, menos "limpa" e mais ruidosa. Então, certas curadorias que ele fazia tinham questões temáticas mais evidentes - uma vez ele fez a dos grafites, do pixo, mas outras vezes ele já colocou artistas juntos que necessariamente faziam trabalhos com outros artistas ou que filmavam um vídeo que nem estava exposto ali, mas que ia ser exposto em outro lugar. Então, o processo também era incorporado, e isso eram características que a bab já possuía.

Então, na residência na casa dele, quando eu fui, fiquei, acho, 5

dias... o tempo é um tempo que se adapta muito à combinação. Eu, quando entrei ali, por conhecer o Armando, já estava incorporando todas essas questões que eu conhecia através do histórico dele. Então, aquele lugar, que é um lugar mais quieto, mais isolado, numa área que tem toda uma consciência de discussão ecológica, a fazenda do lado, a piscina parada, quieta, a praia não tão perto, mas você pode ir andando. Você pode se isolar, é muito calmo, você pode conviver com as obras dele. É um lugar de exercício potencial, mas também de uma gravidade no sentido de uma preguiça, o tempo se expandindo, você necessariamente não precisa estar conectado à internet, e você convive não só com os trabalhos dele, mas também com os trabalhos que ele possui na coleção dele.

Isso tudo, pra mim, já estava muito dado como uma escrita, uma escrita que se coloca assim como uma nuvem que paira, um vento que sopra. Conhecendo isso, eu acho até que... geralmente o artista pode chegar sem ter esta informação, e pode chegar tendo a informação, que é o meu caso porque eu já acompanho o trabalho do Armando e este viés, que é um viés conceitual dele, de atuação.

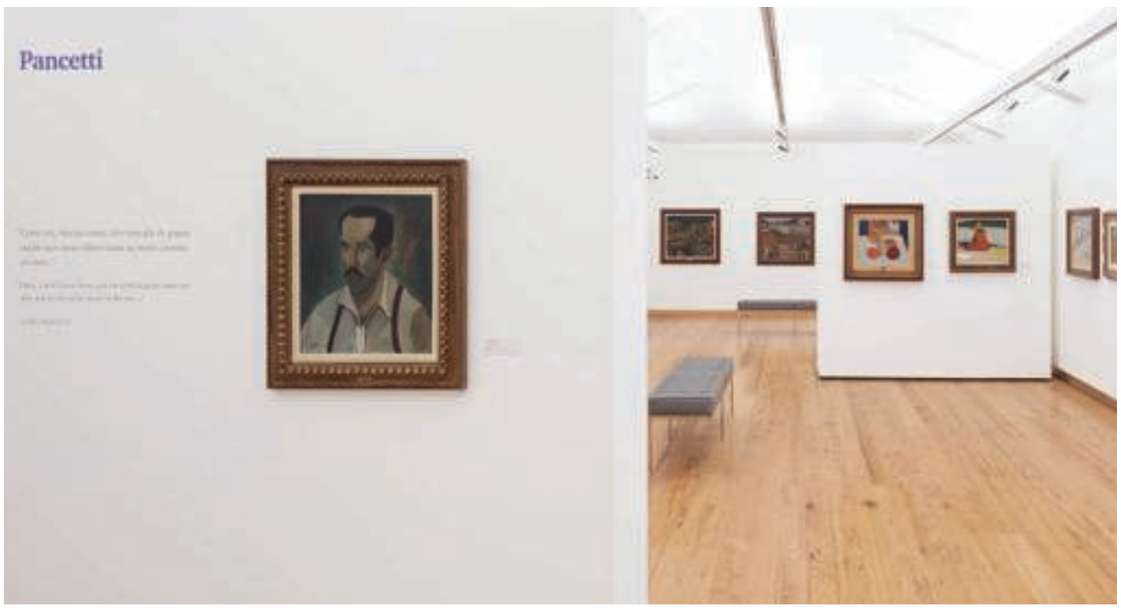
Então, o importante, vendo a residência do artista, que ele propõe, dentro da própria casa, é que ele não só observa o outro artista trabalhar, e o outro artista, necessariamente, trabalhando, não precisa ficar devolvendo um fazer específico; porque o que eu acho que é um dos pontos incríveis, muito coerentes com o processo anterior dele de atuação conceitual, é que você pode ter uma residência onde necessariamente você não precisa produzir um produto. E isso tem muito a ver com o pensar como é que se dá um processo de arte. Lá na outra bab, que seria a bienal, tem a pessoa que realmente está filmando um vídeo, mas não necessariamente aquele produto do vídeo vai ser visto/exposto como produto final na bab. Mas na residência na casa dele, o artista pode ficar deitado no sofá, estudando, lendo, etc., produzindo seus pensamentos, se isolando um pouco. Quer dizer, se colocando numa área onde ele pode ser um pouco objeto disso tudo, mas também um sujeito, que é também o que interessa ao Armando, onde você necessariamente não precisa produzir um trabalho de arte específico. E eu acho que isso é um pensamento forte neste processo dele. Toda esta descrição que fiz sobre o método aplicado (o não método) nessa residência é seu ponto forte conceitual. Estas são práticas importantes e necessárias. Existem outras residências no mundo que também pensam assim, em que você precisa só se deslocar, estar lá, conviver com o lugar, ficar no meio de uma coleção, ou se engajar dentro de uma situação dada, ou de um país com suas culturas. Então, o que o Armando faz é um acolhimento que na verdade não é um acolhimento de uma ingenuidade, do tipo "vem aqui pra minha casa e fique aqui". Não é "produza ou não", não é assim. Tem todo um pensamento anterior que é um processo engajado na pesquisa dele de muitos anos.

Eu ainda estou esperando voltar de novo e fazer outra residência na bab. Fiz duas assim, lá e no Isabella Stewart Gardener Museum. Isabella foi herdeira de um dos maiores construtores de ferrovias nos Estados Unidos do princípio do século XX, filha única e sem filhos, recebia artistas em sua casa repleta de obras de arte quando estava viva, adorava conviver com eles. Ela deixou sua residência em Boston, com as obras expostas intactas para se transformar em um museu, foi o seu último pedido. Hoje é um dos museus mais importantes daquela região. Os curadores recebem artistas convidados que não precisam fazer absolutamente nada na residência que tem duração de um mês, como se ela ainda estivesse viva, e absorvem o que ali está.

Armando Mattos veste Máscara no ateliê da artista | Rio de Janeiro | 2018

MODERNOS

INSTITUTO CASA ROBERTO MARINHO: A CASA DO MODERNISMO BRASILEIRO



O andar superior do casarão foi integralmente transformado em espaço expositivo, onde a mostra inaugural "Modernos 10 – destaques da coleção" fica em cartaz até 30 de outubro

Página Anterior
Tarsila do Amaral |
Detalhe da obra Paisagem II | 1963

INSTITUTO CASA ROBERTO MARINHO
A casa do modernismo brasileiro

A concepção própria da obra de arte é ser apreciada. Abrir acervos, tirar obras de reservas técnicas e tornar pública uma coleção particular é louvável. Sobretudo, quando o acervo em questão reúne 1.473 peças - entre pinturas, esculturas, gravuras e desenhos - dos maiores expoentes do modernismo brasileiro dos anos 1930 e 1940, e do abstracionismo informal dos anos 1950. O Instituto Casa Roberto Marinho, antiga residência do jornalista carioca, foi aberto em abril de 2018 para ser a casa do modernismo no Rio de Janeiro.

Incrustada numa franja da Floresta da Tijuca, no bairro do Cosme Velho, a propriedade de 10 mil m² exibe a natureza como um elemento atuante e não apenas como pano de fundo. Os jardins originalmente projetados por Burle Marx recebem o visitante com obras de Ascânio MMM, Bruno Giorgi, Carlos Vergara, Maria Martins e Raul Mourão.

O casarão rosa neocolonial, que acolheu a família Marinho por seis décadas, foi erguido em 1939, mesmo ano em que começou a ser formado o acervo que, em parte, integra a exposição inaugural "Modernos 10 – destaques da coleção". Em cartaz no andar superior da casa até 30 de outubro, a mostra reúne 124 obras de Di Cavalcanti, Alberto Guignard, Cândido Portinari, Tarsila do Amaral, Djanira, Burle Marx, Milton Dacosta, José Pancetti, Lasar Segall e Ismael Nery. Impressiona o conjunto organizado pelo arquiteto e curador Lauro Cavalcanti, diretor do novo espaço, que permite ao público entender a trajetória de cada artista, ao mesmo tempo que oferece uma compreensão abrangente do período histórico em que as obras foram produzidas.

O novo instituto, concebido como centro ativo de referência e pesquisa em modernismo brasileiro, exibe também a mostra "10 Contemporâneos"... uma série de gravuras de Anna Bella Geiger, Carlos Vergara, Daniel Senise, José Bechara, Lena Bergstein, Luiz Aquila, Luiz Zerbini, Malu Fatorelli, Roberto Magalhães e Wanda Pimentel, em torno da temática "casa", revela a intenção do curador de dialogar permanentemente com a produção artística atual.

Os mais de 1.200 m² de área expositiva vão receber, ainda em dezembro deste ano, a exposição "Oito Décadas de Abstração Informal", que reúne obras da Coleção Roberto Marinho e do Museu de Arte Moderna paulista. Na pauta de 2019, está prevista uma individual de Djanira em parceria com o MASP.

O projeto conta ainda com espaço educativo, que promove o conhecimento através da arte em oficinas, palestras e visitas guiadas. Uma nova construção foi erguida nos fundos do casarão para abrigar a reserva técnica que, vale o destaque, exibe na fachada uma belíssima escultura em concreto de Beth Jobim. Há também sala de cinema (com programação regular de filmes de arte), além de cafeteria e uma pequena livraria.

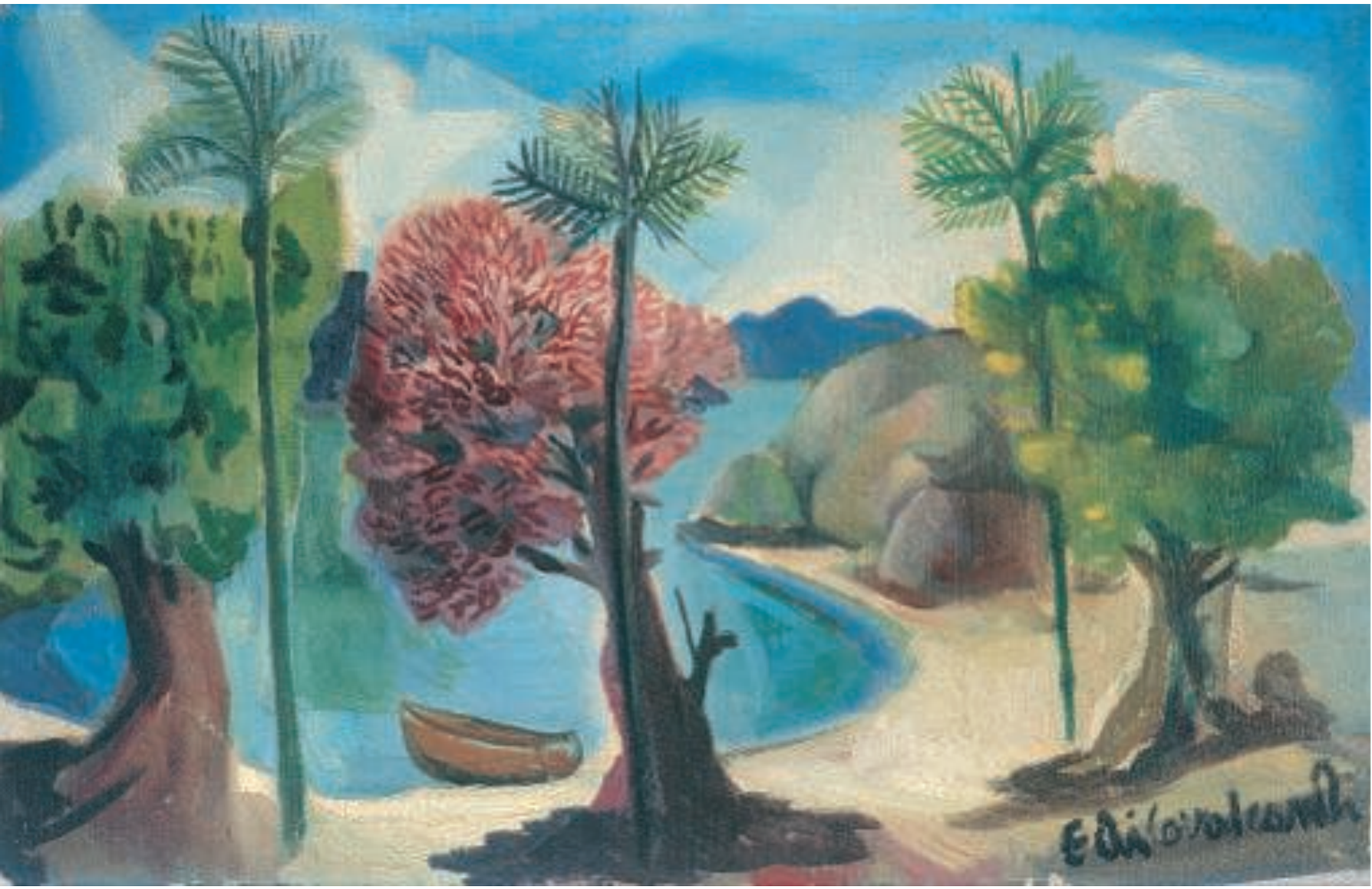
O som do Rio Carioca - que corre por ali, para alegria das carpas - imprime uma aura meditativa. Vá sem pressa: o local convida à fruição e o tempo parece suspenso.

Página Esquerda: Lasar Segall | Kaddish (Totengebet) | 1917-1918 | Página Direita: Cândido Portinari | Flora e fauna brasileira - c. | 1934

Segall | Portinari

Tarsila | Nery

Página Direita: Ismael Nery | Baía de Guanabara | sem data | Página Esquerda: Tarsila | O touro | 1925



Di Cavalcanti | Guignard

Página Direita: Alberto Guignard | Sem título | 1955 | Página Esquerda: Di Cavalcanti | Estudo de paisagem de Paquetá | 1963

Página Esquerda: Burle Marx | Sem título | 1941 | Página Direita: Milton Dacosta | Roda | 1942

Burle Marx | Dacosta

Pancetti | Djanira

Página Direita: Djanira | Serradores | 1959 | Página Esquerda: José Pancetti | Sem título | 1957

“Sem culto nostálgico, procurou-se fornecer ao bairro do Cosme Velho e ao Rio de Janeiro um espaço dinâmico, ainda que tranquilo.
Teve-se a preocupação de não sobrecarregar com elementos arquitetônicos o jardim, originalmente projetado por Burle Marx, um elemento primordial do conjunto”

comenta Lauro Cavalcanti,
diretor da Casa Roberto Marinho.

A fachada do casarão neocolonial erguido em 1939

Abaixo Esquerda:
Raúl Mourão | Mulher Nova #3 | 2017

Abaixo Direita:
Ascânio MMM | Flexos 6 | 2007

Fotos: Jaime Acioli

Diálogo
Instalação
Foto: Dani Dacorso
2013

ELISA PESSOA

Por ALEXANDRA AGUIRRE

Que não é o que não pode ser que
Não é o que não pode
Ser que não é
O que não pode ser que não
É o que não
Pode ser
Que não
É

Herdeiro do construtivismo na poesia, Arnaldo Antunes deixa visualizar nos versos da canção questões caras ao pensamento e à arte: o que é? O que não? O que não pode ser? O que não pode ser que não?

Perguntas como estas atravessam os trabalhos recentes de Elisa Pessoa. Menos como tema, e mais como impulso, energia, que movimenta o que nomeia de "projetos": são filmes cuja maior aliada é a técnica; leituras e imagens de projetos que talvez nunca saiam do papel; sobreposições desencontradas de imagens e de imagens e textos; exposição e série de trabalhos que reúne alguns dos trabalhos já mencionados. Funciona um pouco ao modo da enciclopédia chinesa de Borges, citada por Michel Foucault, no prefácio de *As palavras e as coisas*, que confunde categorias, os conteúdos e seus continentes.

O que circula e se desloca por entre os "projetos" são os limites de unidade de trabalho, de exposição, de autoria que nos leva a questionar o que é ficcional ou não. Não como trabalhos conceituais, cujas instruções e projetos ocupam o lugar do resultado, mas como contingência - o que pode vir a se concretizar? O que se pretende levar adiante? E o que não? Estas perguntas rondam as pesquisas e projetos incorporados uns aos outros, que dão origem a novas questões, propostas e desistências, todas, ali, sem afirmarem sua condição.

A pesquisa Dupla Exposição, com a escritora Paloma Vidal, tem início em 2013, e ganha um livro de mesmo nome em 2016. São trabalhos que sobrepõem textos e imagens de tempos distintos, em recuo e atualização da memória e da imaginação, da ficção e realidade, em produções dispersas no tempo e no espaço dos arquivos de imagens, do blog que documenta textos, imagens e pensamentos, de vídeos e leituras em que as artistas apresentam o que não cessa de emergir do encontro.

Tempo de duração
Instalação - frame de vídeo | 2017

O que circula e se desloca por entre os “projetos” são os limites de unidade de trabalho, de exposição, de autoria que nos leva a questionar o que é ficcional ou não.

Página Esquerda

Acima: **Auto-horizonte**
Fotografia
Foto: Elisa Pessoa | 2015

Ao Lado: **Sobre fazer um filme**
Vídeo - frame de vídeo | 2018

Página Direita

Tempo de duração
Instalação
Foto: Dani Dacorso | 2017

É, também, para a mesma escritora que Elisa Pessoa produziu anotações (e as enviou?) durante o processo de feitura de Tempo de duração. São filmes de câmera parada (5D Mark II) que não enquadram nenhum acontecimento específico para filmes, mas paisagens distantes planas do Sul, rodovias desertas, uma tempestade que se aproxima ao anoitecer, o gado marcado numa sequência infinita. O tempo da filmagem é determinado pela máquina, entre 9 e 15 minutos, e tampouco há edição. Estes filmes foram exibidos pela primeira vez em 2017, em grandes planos (3m x 6m), como portais que nos levam à duração do tempo. É aí, talvez, que nos damos conta de que não há acontecimento, mesmo os produzidos pelo corte da edição, a não ser como efeito do que trazem em si do passado e do que ainda está por vir.

As anotações em 2015, sobre o processo de Tempo de duração, transformaram-se nas Cartas do Sul, apresentadas no ano seguinte no "ciclo de palestras performáticas", em obras, que trata de projetos a serem postos em prática, dos que nunca serão e também dos que "fracassaram"; em 2017, as anotações desdobraram-se em Cartas do Sul II, e, em 2018, Sobre fazer um filme incorpora Tempo de duração e Cartas do Sul, e se concentra detalhadamente nas memórias de um filme - argumento, roteiro, cenas, imagens, entrevistas feitas – que nunca foi feito. Nunca?

Os trabalhos Cartas do Sul, Tempo de duração, juntamente com Paradoxo e Testemunhos, formam o projeto da exposição Sobre o Sul, com croqui, planta detalhada, *briefing* – que pode vir a sair do papel, ou não.

As teorias desconstrutivistas identificam conceitos hieraquicamente em oposição e sobre os quais se apoia o pensamento ocidental. Dentre eles, a "presença" em oposição à "ausência" assume diferentes derivados como a realidade e a ficção, o sério e o não-sério. E, tendemos a pensar nos "decaídos" a partir dos que se afirmam positivamente: só há ausência quando a presença falta, ou a ficção como imitação da realidade, ou ainda o sério é que deve ser levado seriamente e não o não-sério.

Mas como afirmar o primado da presença, da realidade e da seriedade, se é pela falta que algo pode requerer o estatuto de presença, e ainda assim não ser nunca suficientemente presente? O primado da realidade, se o que se atualiza enquanto acontecimento traz em si os "vestígios" do que passou e do que ainda está por vir? O primado do sério, se as circunstâncias de sua execução dependem de sua capacidade de ser repetida e reconhecida - em outras palavras, ensaiada?

O QUE É UMA ESCOLA LIVRE?

A ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE está voltada para o campo das artes visuais contemporâneas, com ênfase em seus aspectos interdisciplinares e transversais. Configurada como uma escola livre, abrange também outros campos de expressão artística contemporânea, assim como literária, vistos em suas relações com a visualidade. As atividades da EAV Parque Lage contemplam tanto as práticas artísticas com seus fundamentos conceituais. Importa criar novos fluxos e dinâmicas de ensino e aprendizagem, por meio de hierarquias flutuantes e permeáveis, em torno de um projeto compartilhado.

São cerca de 70 cursos, com enfoque teórico-prático.

MATRÍCULAS SEMPRE ABERTAS.
#escolalivre

www.eavparquelage.rj.gov.br

ESCOLA
DE ARTES
VISUAIS DO
PARQUE LAGE

GOVERNO DO Rio de Janeiro
SECRETARIA DE CULTURA
AMEAV

AGENTILCARIOCA.COM.BR

Rebecca Lockwood &
Marta Caras Lindas Vasconcelos

Rebecca Lockwood

Dando Sopa

Não existe veneno, existe dose

A Naturopatia é um campo que cresce no mundo associado à gastronomia e é uma forte ferramenta para uma vida saudável. Tive a oportunidade de ter a Marta Caras Lindas Vasconcelos como minha sous-chef em um trabalho de verão, na Comporta, este ano, em Portugal. Formada em Londres pelo curso de Natural Chef – College of Naturopathic Medicine, ela parecia sempre atenta às receitas do meu cardápio, dando sugestões que enriqueciam os pratos. Pensando além da estética, sua preocupação era como os clientes podiam se nutrir melhor. Uma prática que trouxe de dentro de casa para sua vida profissional.

Rebecca Lockwood
conversa com
Marta Caras Lindas Vasconcelos

Você acredita em "superalimentos"?

O nome "superalimento" não é de uso comum por nutricionistas e cientistas de nutrição, mas, antes, um termo comercial utilizado para descrever alimentos com elevados benefícios para a saúde devido ao alto teor de fitonutrientes, como antioxidantes, vitaminas e minerais.
Sou da opinião de que conseguimos ter uma alimentação saudável, rica, equilibrada e variada se consumirmos produtos frescos, locais e sazonais, que inclua vegetais, legumes, ervas, frutas, cereais integrais, nozes, sementes, carnes magras, peixes gordos e especiarias, em detrimento do consumo excessivo de produtos mais exóticos, que fazem parte da dieta local dos povos de países em vias de desenvolvimento, muitas vezes embalados em plásticos, que vêm do outro lado do mundo, custam imenso dinheiro, e estão a criar efeitos sociais e ambientais desastrosos nesses mesmos países e aumentar a pegada ecológica.

Você acha que podemos ou devemos parar de nos alimentar com produtos de origem animal?

Hoje em dia, uma série de evidências científicas vêm demonstrar a relação entre a alimentação, o estilo de vida e as doenças degenerativas modernas, como cancros, doenças cardiovasculares, diabetes etc.
O excesso de produtos de origem animal, as comidas processadas e os açúcares refinados aumentam o risco de doenças e as pessoas que optam por dietas com menos proteínas de origem animal e mais antioxidantes são mais saudáveis e vivem mais tempo.
Sou a favor de uma alimentação natural, em que o produto seja respeitado, que seja local, orgânica e nutricionalmente rica dos alimentos que citei há pouco, que também podem ser produtos de origem animal, se consumidos em doses reduzidas, de boa qualidade.

O que você acha que será da nossa alimentação nos próximos 50 anos?

Para mim já é uma incógnita. Existe um estigma contra a alimentação alternativa à convencional. Falo da macrobiótica, da vegetariana, da vegan etc., que eu própria também vejo como fundamentalistas, uma vez que se fecham em conceitos filosóficos e pouco abrangentes.
É impossível mudar uma cultura tão enraizada no fast-food se não forem tomadas medidas profundas, uma vez que existe muita desinformação promovida por grandes interesses econômicos.
Faz algum sentido ver pessoas que estão a receber tratamento oncológico terem, às vezes, como única opção, produtos refinados durante o seu internamento?
Há que promover uma Revolução Alimentar de volta às origens, ao natural, para termos uma qualidade de vida mais saudável e, para isso, não é necessário defendermos uma bandeira, mas, antes, percebermos a qualidade e a combinação de cada alimento que nos é oferecido.
É um assunto de saúde pública, que não deve ser deixado nas mãos de cada indivíduo, mas deve ser tratado ao nível da política, através de legislação e medidas de conscientização, com a criação de programas escolares e até mesmo extensíveis às faculdades de medicina.
Ao contrário do tabaco, que se encontra amplamente legislado, na alimentação há imensas alternativas que podem garantir uma mudança dos costumes prejudiciais à nossa saúde.

Quem te inspira hoje em dia?

Jamie Oliver (chef), pelo seu empenho em causas relacionadas com a disseminação da boa alimentação, e no uso da cozinha como instrumento de transformação social.
Yotam Ottolengui (chef), por ter conseguido pôr mais pessoas a comer vegetais do que os vegetarianos restritos.
Dr. Michael Greger (médico), pelo trabalho científico que tem desenvolvido sobre o papel da alimentação na saúde pública.
Hipócrates, filósofo do século III antes de Cristo, reconhecido como o Pai da Naturopatia. É dele a frase: "Seja o teu alimento o teu medicamento e seja o teu medicamento o teu alimento."
Os meus Filhos (Pedro, 11 anos; Francisco, 9 anos). Foi por eles que comecei esta cruzada na busca do conhecimento da alimentação saudável. O meu marido, por me apoiar em todas estas mudanças na alimentação familiar. A minha Mãe, que sempre cozinhou para mim e para todos. A minha amiga Rebecca (chef) e todos os exemplos diários de pessoas individuais, que têm o objetivo de partilhar as suas experiências para um bem comum.

Rebecca Lockwood,
correspondente em Paris
e-mail: rebecca.chef@gmail.com
instagram: @rebecca.chef

Desenho
Roberto Cabot
Cenoura pensando sobre
batata | 2018

Rebecca Lockwood

Dando Sopa

Feijoada Saudável

Fiquei pensando se colocava cogumelos, tofu ou outra proteína que justificasse chamar este prato de feijoada. Mas, analisando os ingredientes, cheguei a conclusão de que só o feijão, acrescido de especiarias e ervas aromáticas potentes, já era suficientemente rico e nutritivo para eu manter o nome. Resolvi suprimir a carne gordurosa e colocar no feijão o gengibre, a cúrcuma e buscar o gosto defumado na páprica. Acrescentei frutos secos e sementes na farofa, raspas da laranja, hortelã, coentro e gengibre nos outros acompanhamentos, além de optar por um arroz integral. Testado o prato em família, ficamos todos muito satisfeitos com a nova feijoada e tivemos uma digestão incrível também.

Receita para 4 pessoas

600 g de feijão preto cozido
4 dentes de alho picados
1 ½ cebolas picadas
1 colher de chá de gengibre picado
1 colher de cúrcuma
1 colher de páprica defumada
Pimenta preta moída ou 1 pimenta de cheiro
1 folha de louro
4 colheres de azeite
Salsa, coentro e cebolinha à vontade
Pimenta de cheiro
Sal a gosto

Cozinhe uns 300 g de feijão seco com o louro em uma panela de pressão por 50 minutos e um pouco de sal. Deve render o dobro. Pique a cebola, o gengibre e o alho e refogue tudo com o azeite. Acrescente a cúrcuma e a páprica defumada. Quando estiver tudo dourado, junte o feijão e deixe engrossar. Polvilhe com as ervas e a pimenta de cheiro picada quando for servir.

200 g arroz integral
1/2 cebola picada
1 colher de azeite

Refogue a cebola e o arroz no azeite. Junte a água de acordo com a receita da embalagem e cozinhe.

200 g farofa de mandioca
30 g castanha de cajú
1 colher de semente de linhaça moída
1 colher de mix de sementes como girassol, papoila, chia, abóbora, gergelim, etc...
1 dente de alho picado
2 colheres de azeite
cebolinha

Refogue o azeite com alho e torre a farinha de mandioca em fogo baixo. Acrescente as sementes e frutos secos a seguir. Finalize com a cebolinha.

Folhas de couve manteiga (experimente brócolis ou quiabo também)
1 dente de alho picado
1 colher de gengibre picado
1 colher de azeite

Pique a couve bem fininha e espere 40 minutos antes de cozinhá-la. Refogue o alho e o gengibre com o azeite, acrescente a couve. Se necessário, adicione um pouco de água até a couve ficar macia. Experimente servir com brócolis ou quiabo fazendo da mesma maneira. Por que não?

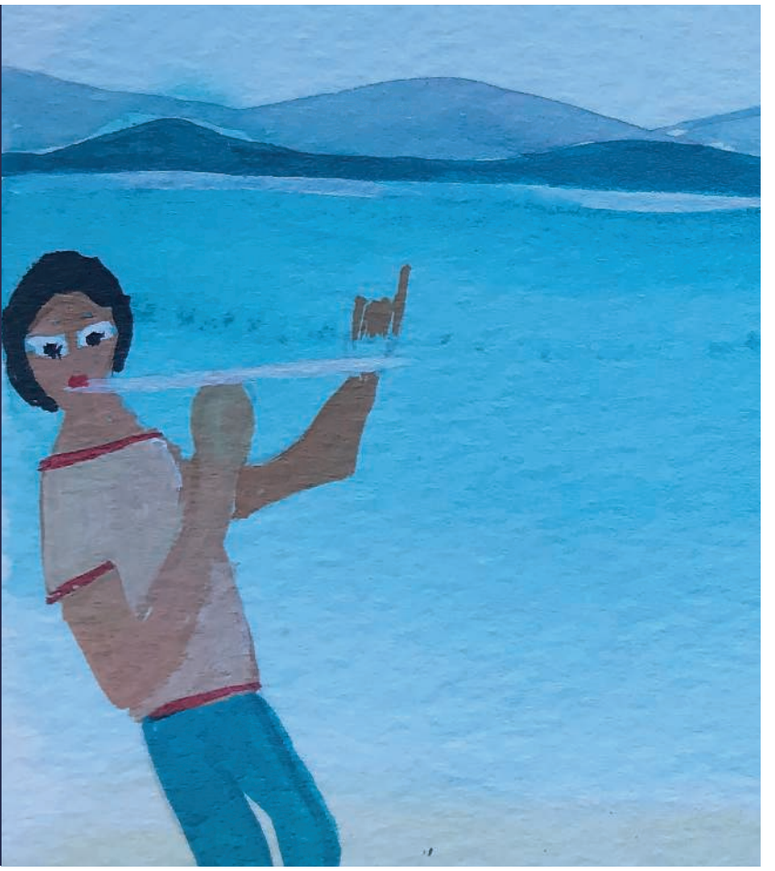
2 laranjas
Raspas da casca das laranjas
Hortelã à vontade

Raspe um pouco da casca da laranja. Depois descasque a laranja, corte em fatias finas e polvilhe as raspas por cima com hortelã picada. Você vai se surpreender como a hortelã combina bem com esta feijoada.

iara rosa

o conto da baía formosa

2018 armação dos búzios
atlântico sul, brasil



Aqui existe uma enseada. Nesta enseada, plena de beleza, cheia de mar e repleta de poesia, há uma baía que envolve suas praias com um carinho do tamanho de seus séculos e milênios. Foi descoberta por um gentil-homem, navegador corajoso que corria mares e rios. Ele era amigo do rei. E o rei, como se sabe, tinha poucos e verdadeiros amigos...

Dizem que aqui chegou antes de Pedro, o Álvares Cabral. Ficou calado por cortesia, no seu tempo as cortesias eram cultivadas. Descendo mares e descobrindo rios, o cavalheiro Américo Vespúcio chegou por aqui navegando com seus frágeis, porém belos e até certo ponto seguros, navios. De repente, por mero acaso, encontrou a entrada inesperada de uma baía... E a encontrou imersa em silêncio único, o silêncio que envolve a grandiosidade de belezas impossíveis. Américo se quedou deslumbrado.

- Que formosura! - exclamou a seu imediato.

- É uma baía, senhor. Parece grande e muito bela... Muito formosa.

- Sim, sim. É uma grandiosa e imensa flor de formosura... Temos que lhe doar um nome... um nome digno de tanta beleza... Mas que nome lhe ofertaremos, senhor imediato? Tem alguma sugestão?

Os dois homens se quedaram calados e pensativos. De repente, Américo percebeu que o nome já estava ali, junto dela e de sua beleza.

- Ora, bolas! Como não me ocorreu antes? Ela mesma construiu seu nome.

Não foi necessário que o gentil-homem, vindo de longe, lhe doasse um título. Ela nasceu com ele. Seu nome foi deixado por seu criador junto à beleza de sua criação.

- Ah, já sei. Vou chamá-la do que sentimos ao vê-la. FORMOSA. Que achas?

- Perfeito, senhor. Muito digno. Seu nome será Baía Formosa. Que belo nome! Belíssimo!

- Belo, mui belo! E mui digno. Com este nome ela atravessará os séculos vindouros... Agrada-me saber que, um dia, quando nada restar de nós, a história registrará a emoção deste momento, senhor imediato. Esta emoção nossa! Nós que a encontramos ainda saída das mãos do Criador! Pense nisto, senhor imediato. Um dia iremos embora, de volta à nossa terra. Mas não a esqueceremos. Ela fica e atravessará os séculos e os tempos. Será visitada e apreciada em sua grandiosa beleza. Gerações e gerações virão vê-la e desfrutar seus encantos e recantos. Sua graça e sua formosura atravessarão os milênios do planeta...

- Assim é, assim será, se lhe parece! - exclamou o imediato.

Encantado e encantador, o gentil-homem, capitão de longo curso, amigo do rei, de nome Américo Vespúcio, silenciou e desfrutou de sua descoberta.

Dizem que ele deu nome ao novo continente que se chamou América. Foi mesmo? Um belo nome... América, de Américo. Dizem que foi...

O INSTITUTO QUE AMA A NATUREZA

Nós somos o INSTITUTO VIDA LIVRE (IVL), uma organização brasileira que cria e desenvolve projetos de reabilitação e conservação de fauna silvestre.

Buscamos implementar e promover a inovação em nossos serviços atuando nas áreas de manejo de fauna, comunicação, educação e pesquisa de modo a aumentar e fomentar o conhecimento sobre as diversas realidades que nossos animais silvestres vivem no país.

Temos como maior desafio, desenvolver atividades que reduzam os impactos do tráfico de animais silvestres sobre nossas espécies e conscientizar a nossa sociedade sobre esse tema.

Página Esquerda
Ao Lado:
Roched já aos 5 anos
com 2 araras

Abaixo:
Aos carinhos
com a anta Caco

Página Direita
Com um tucano-de-bico-preto após
ser examinado para ser encaminhado
à reabilitação e soltura

NOSSA HISTÓRIA

O Instituto Vida Livre começou a operar em março de 2015, tendo nascido do amor e trabalho de seu fundador, Roched Seba, pela vida selvagem. Roched é publicitário e pesquisador em engenharia de produção pela Coppe-UFRJ. Apaixonado desde criança por animais e com experiência em ações de voluntariado e apoio a essa demanda, trouxe os estudos da relação do homem com o animal no contexto urbano e seus serviços para sua pesquisa científica.

O trabalho e empenho acadêmico nortearam o modelo de gestão que permitiu ao Instituto atuar e ganhar espaço no setor de fauna silvestre no estado do Rio de Janeiro. Organizando-se como uma rede que atua em parceria com profissionais de diversas áreas e instituições, o IVL consegue atender as mais variadas e possíveis demandas.

É um grito de liberdade
que fazemos juntos

Bate papo com
ROCHED SEBA
Por Armando Mattos

Como nasceu o Instituto Vida Livre e o que é ele em sua vida hoje?
O Vida Livre nasceu em mim, da minha própria vivência e experiência com a minha identidade. Eu não me lembro de um dia da minha vida em que eu não tenha pensado ou gostado de animais. Desde pequeno eu sou aficionado na imagem, no conceito, na forma e nesse universo.

Mas sua formação é em comunicação e depois você fez mestrado em engenharia de produção.
Sim! Eu costumo dizer que eu prefiro estudar os bichos por fora e não por dentro. Sempre gostei, como entretenimento mesmo, de estudar os animais nos contextos históricos, artísticos e culturais. Foi durante a faculdade de comunicação que eu me tornei voluntário em um zoológico e ali entendi que era nesse universo que eu queria trabalhar e tentar transformar algo. Fui para o mestrado em engenharia de produção com a proposta de pesquisar os serviços de gestão de fauna silvestre, e ali nasceu formalmente o Instituto Vida Livre.

Em que ano foi isso?
O Vida Livre foi criado no final de 2012, mas eu ainda estava no mestrado. Em 2014, quando conheci o Ney (Matogrosso), começamos a formular o que seria nosso primeiro trabalho: a área de soltura Serra do Matogrosso, que existe e torna vivo o sonho de soltar animais desde março de 2015.

Você falou do cantor Ney Matogrosso e é interessante ver como que, em apenas três anos, o Instituto tenha conseguido que tantos formadores de opinião aderissem à causa. Como foi esse processo?
Foi uma coisa espontânea e livre, como tudo que nós defendemos. Conheci o Ney, o Bruno (Gagliasso) e a Brenda (Valansi), pessoas a quem eu sou absolutamente grato, em situações, épocas e e por meios diferentes e eles se tornaram patronos do nosso trabalho de soltura de animais. Ou seja, eles investem, em suas propriedades, na soltura dos animais por entenderem o valor que tem o nosso trabalho de recompor com vida livre a biodiversidade das florestas. Essa é uma atividade linda e majestosa, para a qual nos dedicamos de modo incansável. Com o tempo, outras pessoas que participam do nosso trabalho são convidadas ou nos procuram também espontaneamente. Participam sempre de forma gratuita, cedendo sua imagem e dando voz ao nosso trabalho e isso nos dá mais esperança para que tenhamos parceiros entusiasmados a fazer nosso sonho e trabalho serem ainda maiores. É um grito de liberdade que fazemos juntos, já que nosso instituto precisa ter um espaço próprio.

Mesmo com esses três anos de trabalho, vocês ainda não têm uma sede? Como assim?
Nosso trabalho é o seguinte: recolhemos animais principalmente no Centro de Triagem do Ibama-RJ e também em centros de reabilitação, zoológicos, criadores, além das dezenas de resgates voluntários que eu e a Danielle (nossa veterinária) fazemos. Em muitos casos, sempre com a autorização do Ibama, os animais ficam sob tratamento na minha própria casa ou na casa dela, que é veterinária de animais silvestres e supervisiona todo o manejo. Estamos falando do Rio de Janeiro, um estado falido nos serviços para as pessoas. Imagine a realidade dos serviços para animais que não são de ninguém! Ninguém é dono deles. Você paga pelo tratamento do seu cachorro ou do seu gato, mas para os animais silvestres a história é diferente: ele são patrimônio do país, mas ninguém individualmente paga pelo cuidado para com eles. Esses serviços são mais uma rúbrica miserável no orçamento das políticas públicas de meio ambiente do país. Um verdadeiro caos! As equipes do Ibama e demais instituições fazem o que podem, mas nunca é suficiente. Como trabalhamos em parceria com o Ibama, muitas vezes nós nos sacrificamos para ajudar esses animais. Quando os animais estão finalmente bem e aptos, seguem para as áreas de soltura, onde será dará a etapa final de sua reabilitação e en-tão encontrarão a liberdade.
Queremos, portanto, viabilizar uma sede que permita o trabalho que já fazemos há três anos muitas vezes em nossas casas seja estruturado e que esse local nos permita fazer ainda mais pelos animais da nossa fauna. Com a sede, teremos cada vez mais animais livres, mais trabalhos de educação, arte, cultura, ciência, pesquisa e cidadania entregues e mais pessoas e estruturas envolvidas!

Então é essa futura sede que está mobilizando os artistas, formadores de opinião e demais parcerias que estão fazendo?
Sim! Além dessa ação de campanha, estamos desenvolvendo parcerias com empresas, teremos um show para arrecadar fundos no Circo Voador e durante a ArtRio teremos um estande onde artistas, convidados pela nossa querida Laura Lima, que também é parceira do nosso Instituto, doarão obras para que a renda obtida com a venda dessas obras seja revertida para a viabilização da nossa sede.
Você já me adiantou, porque chegaríamos nesse ponto da conversa para entender a interação do Instituto Vida Livre com a Arte.
Foi outro processo natural, imperativo e quase atávico. Eu sou louco por arte! Eu pinto e desenho bicho desde pequeno e sou vidrado pela figura do animal na Arte como História e Símbolo. No ano passado,

Roched e um filhote de tatu-galinha

O Vida Livre nasceu em mim, da minha própria vivência e experiência com a minha identidade

Página Esquerda
Acima:
Um filhote de preguiça após ser solto com sua mãe

Ao Lado:
Roched com o amigo e entusiasta do trabalho, o advogado Leandro Mattoso no momento da soltura de um casal de catetos

Página Direita
Lara a arara-Canindé, uma vítima do tráfico de fauna, que foi cuidada ainda filhote pela equipe do Instituto e do Ibama, e que através de uma parceria com a Gol, foi levada de volta pra cerrado goiano

fomos convidados pela Laura a participar de um trabalho que foi lindo e fascinante: o Modelo Vivo, Modelo Bicho. Ali nos conhecemos. A aproximação com a feira se deu pela Brenda e pelo Bernardo Mosqueira, curador do evento e amigo do nosso trabalho. Eles abraçaram a ideia de nos ajudar nessa jornada em fazer mais vidas livres, abrindo o espaço para que possamos falar do nosso trabalho e convidar as pessoas a participar e a ajudar. Já confirmaram que estarão conosco no nosso estande, além da Laura, o Marcos Chaves e o Zé Carlos Garcia. Isso nos enche de orgulho e esperança.

Olha, é impressionante ver alguém empolgado e com esperança de empreender com uma pauta tão difícil em termos financeiros no Rio de Janeiro, que vive essa crise financeira, política, social, cultural e conceitual. Chega a ser comovente!

Quando me distancio, eu me comovo também e por vezes sinto medo. Muito medo. Mas não consigo fazer ou pensar diferente. É o desejo de uma vida, uma pulsão que me move todo dia quando acordo e quando paro para dormir. Sinto que é importante não só para mim ou para os milhares de animais que ajudaremos. Sinto que é importante para o povo da nossa cidade, do nosso estado, do nosso país. Sou apaixonado pelo Rio, apaixonado pelo Brasil. Somos um país que não se conhece e que não sabe lidar com as liberdades. Eu sempre digo que o que, sinceramente, me move é defender a liberdade. Para mim, defender a liberdade de um passarinho é defender a de todos nós ao mesmo tempo. A liberdade não é um conceito das espécies, mas um conceito da própria vida. Para viver, é preciso ser livre, e é esse o recado que queremos dar com cada gaiola que se abre e cada animal que retoma seu destino de vida livre.

Martin Ogolter

CORPUS

Sem título | Corpus 20 detalhe | díptico | 2013

São detalhes, recortes, montagens,
intervenções em fotografias com a ausência de fundo
e a escala preto e branco reduzida.

Página Direita: Sem título | Corpus 9 | díptico | 2018 | Página Esquerda: Sem título | Corpus 2 | díptico | 2018

Martin Ogolter nasceu em Linz, na Áustria, em 1969. Aos 20 anos, mudou-se para Nova York e, aos 21, ingressou na prestigiosa School of Visual Arts para estudar design e fotografia.

A partir de meados da década de 90, Martin tem seus trabalhos publicados em livros, revistas internacionais, capas de discos, recebendo também vários prêmios.

Em 2003, resolve fixar residência no Brasil, onde, desde então, tem se dedicado a produzir trabalhos artísticos sobre suportes variados, mas sempre tendo como fonte de pesquisa a fotografia.

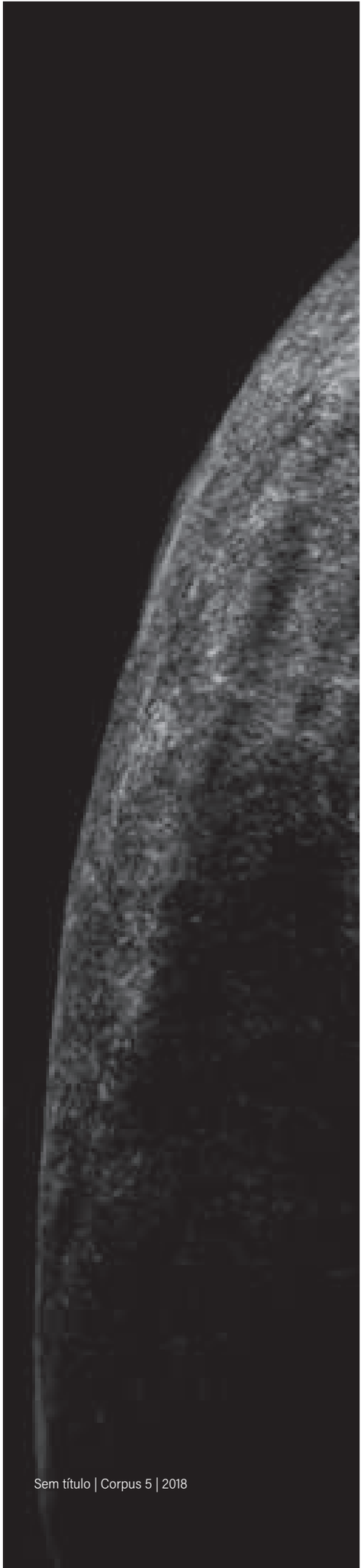
Em sua mais recente exposição "Corpus", na Kunstbox Kinoplatz em Bad Gastein, na Áustria, Martin apresenta uma série de imagens com os famosos garanhões Lipizzaner, da Escola Espanhola de Equitação, em Viena, que, poucos sabem, tornam-se brancos apenas na adolescência, quando perdem sua coloração de nascimento, cinza ou negra.

As imagens desses jovens equinos foram capturadas pelo artista nos Alpes austríacos, onde os animais ficam alojados durante o verão. São detalhes, recortes, montagens, intervenções fotográficas em escala reduzida de preto e branco e ausência de fundo.

Se, por um lado, o artista faz uso de intervenções ao reproduzir as imagens que captura, conduzindo-as, por vezes, ao território da abstração, por outro questiona a forma como as imagens são manipuladas e proliferam no mundo virtual, um espaço contaminado pelas fake news e pela egotrip das selfies. Em entrevista recente, o artista afirma:

"A gente se sente cada vez mais saturado de imagem e, em vez de refrear, a gente faz mais e mais imagens, sem parar. Acho que as pessoas hoje não querem ver nada, nem ninguém, além de si próprias. A imagem, intrinsecamente, não tem mais muito valor, não."

Exposições recentes:
Ardor, Rio de Janeiro - 2011 | Dias da Vida, Rio de Janeiro - 2013 | Trophy Art, Bad Gastein, Austria - 2015 | HÖHENRAUSCH!, Berlin, Germany - 2016 | Secretaria da Exatidão e da Alma, Rio de Janeiro - 2016 | Summer Night Dreams, Berlin, Germany - 2016 | The Unique Institutional Critique Pop-Up, Rio de Janeiro - 2016 | Alster Kunst Salon 02, Hamburg - 2016 | Dance - Curitiba, Brazil - 2017 | Corpus - Bad Gastein, Austria - 2018



Sem título | Corpus 5 | 2018

Paulo Paes

Fisálias

Continentes Flutuantes

Ainda perplexos com os sinais de que o modelo de produção e consumo que escolhemos é limitado e que a velocidade que imprimimos ao mundo mói e desabita nosso corpo e tudo que está a sua volta, tentamos mudar.

"Continentes flutuantes" é um projeto artístico de natureza interdisciplinar sobre a capacidade de adaptação e transformação necessárias à manutenção da vida.

O projeto integra, em torno de uma experiência plástica, atores de universos distintos que vão de movimentos sociais urbanos, pescadores, críticos de arte a cientistas e estudantes de biologia. As ações envolvidas durante a pesquisa reproduzem, no campo das relações socioculturais, os conceitos de convivência, colaboração, tensão e busca de equilíbrio que caracterizam os processos biológicos observados nas estruturas, ao agregar atores de campos tão diversos. Um projeto que se propõe a criar corpos artificiais a partir do cruzamento entre estruturas móveis construídas com plástico PET descartado e processos biológicos aleatórios.

Estas estruturas são desenhadas para acompanhar os movimentos do mar onde são instaladas e oferecem uma variedade de elementos adaptados às características e necessidades de organismos marinhos, favorecendo a fixação de fauna e flora: são abrigos de diversos tamanhos, superfícies rugosas ou filtrantes, filamentos, cabos, plataformas etc., cobrindo vários níveis de profundidade e de iluminação. O processo de colonização da estrutura inicia-se imediatamente após seu lançamento no mar com uma sucessão de organismos procurando seu sítio, valendo-se de suas habilidades adaptativas.

SOBRE UMA POÉTICA DA ROTINA

por Luisa Duarte

O difícil não é fazer coisas, o difícil é se colocar na correta condição para fazê-las.
Constantin Brancusi

Essa passagem do mestre da escultura, Constantin Brancusi, torna-se ainda mais pertinente nos dias de hoje. Proferida na primeira metade do século XX, mal poderia suspeitar o artista que a vida no começo do século XXI se tornaria uma imensa batalha para nos colocarmos nas corretas condições para realizar algo. Tudo parece conspirar para que tenhamos as nossas capacidades vitais e criadoras debilitadas, tudo parece nos assediar com vias a nos dispersar, tudo parece se movimentar incessantemente para, ao fim e ao cabo, notarmos que estamos, melancolicamente, no mesmo lugar.

Assim, desde a escala macro até a micro trata-se, mais do que nunca, de nos colocarmos na correta condição para fazer algo. Nesse contexto, a poética da rotina que forma a espinha dorsal da obra de Paulo Paes é, justamente, esse ato fundamental que instaura as condições de possibilidade para que saiamos da paralisia, do entorpecimento, e seja possível, no seio do cotidiano – aquele espaço sedento por nos anestesiar, gerando hábitos automáticos –, fazer nascer uma pulsão de vida que não é somente espasmo, mas constância, movimento lento, criador de uma deriva perene que tem a sabedoria de que mais vale achar do que procurar.

"Continentes flutuantes" apresenta todo o universo que forma essa possibilidade de uma rotina atravessada por uma poética. Fotografias, vídeos, desenhos, esculturas e textos compõem um sistema complexo que, tal como as fisálias (ou caravelas), torna-se um espaço magnético de atração de toda a sorte de vida.

A partir de suas esculturas de plásticos – que, antes, seriam destinados ao descarte – e tendo como ponto de partida os seus continentes flutuantes, Paulo Paes fará florescer um universo riquíssimo de espécies biológicas que, antes da intervenção do artista, existia somente em potência, como promessa. O artista, com a sua poética da rotina, joga as sementes para que venham à luz vidas antes inauditas, instaurando uma obra de alta voltagem política, ecológica e ética, sem perder de vista a sua dimensão formal – pois existe, sim, beleza aqui. É preciso o artista e a sua poesia para nos retirar da cegueira cotidiana e nos recordar a multiplicidade de vidas possíveis existente nas entrelinhas da rotina mais prosaica e comezinha. Rotina essa que forma o tecido de nossa existência e que pode se tornar uma travessia fértil ou um deserto árido. Sem dúvida, estamos diante de uma obra que instaura o primeiro caminho.

Djanir

Djanir foi instalada em outubro de 2006, no campo de provas do Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira, IEAPM, em Arraial do Cabo, RJ. Área de reserva extrativista marinha altamente preservada e favorecida pelo fenômeno da ressurgência. Estas condições proporcionaram um processo de colonização muito variado, com organismos diferentes se sucedendo no domínio da estrutura.

Dois anos e dez meses depois de sua instalação, Djanir duplicou de peso, trocou a transparência pelas cores, tornou-se um continente habitado. Djanir não está mal pra uma sereia ciborgue de terceira geração. Sua estrutura está praticamente intacta, com todos os componentes - poita, giradores, alças, articulações, cabos e boias - em bom estado e cumprindo suas funções.

youtube.com/watch?v=ES3svj8Xw2U

Marcio Botner da Gentil Carioca entrevistado por Armando Mattos

Rio de Janeiro
Agosto 12 2018

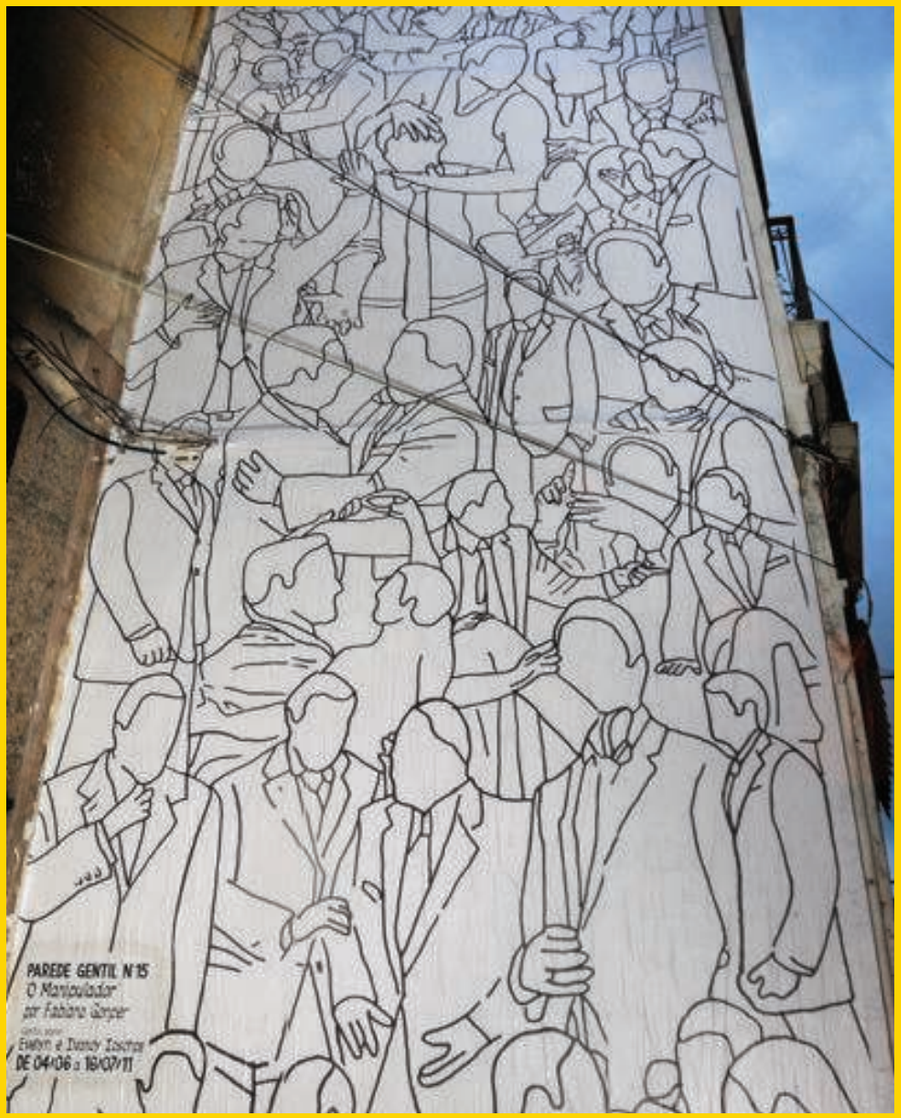
Vivian Caccuri | Tabom Bass | Cortesia o artista e A Gentil Carioca | 2016

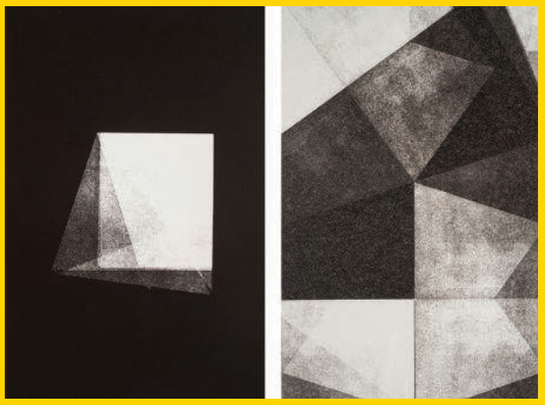
A Gentil Carioca é uma galeria de arte contemporânea que se diferencia de outras galerias por suas características particulares, uma delas é a de ter sido idealizada por três artistas, iniciativa que a torna única no Brasil. Localizada na região denominada Saara, no Centro Histórico do Rio de Janeiro, ao seu redor encontra-se todo tipo de bugigangas e especiarias, atrativo fundamental para muitos artistas e curiosos. É sobre uma destas lojas, em um sobrado dos anos 20, que A Gentil está instalada.

Lugar de concentração e irradiação da voz de diferentes artistas e ideias, A GENTIL completa agora 15 anos de existência e acumula diversas ações de incentivo à produção de jovens artistas como o Camiseta Educação, o Abre Alas, a Parede Gentil e o Alalaô, que ampliam o campo de difusão da arte, estimulando a rede de colecionadores e amantes da arte em geral.

Ao Lado:
Marcio Botner, Ernesto Neto e Laura Lima
Abaixo Esquerda:
Fabio Gonper | Parede Gentil no. 15 | 2011
Abaixo Direita:
Maria Laete | Dobra
Cortesia O Artista e A Gentil Carioca | 2015

Página Direita
Jarbas Lopes | Cicloviaérea
Cortesia A Gentil Carioca | 2003-2004





Eu acho que a força da gente é estar lutando, fazendo força para sempre renovar e ser verdadeiro, é fazer aquilo em que a gente acredita

O que levou você, Laura Lima e Ernesto Neto a abrirem um galeria 15 anos atrás?

Conheci a Laura no Parque Laje e, ainda como alunos da escola, participamos de uma primeira exposição em 1994, na praia do Arpoador. Foi o Neto quem escreveu o primeiro texto sobre o meu trabalho, e depois a gente foi se aproximando. E, naquele momento, uma série de conjunturas conspirou para o aparecimento da galeria. Ali, na Gonçalves Ledo 17, onde hoje é o espaço expositivo da Gentil, era o meu ateliê. Eu fazia esculturas, pinturas e instalações, até que eu comecei a trabalhar com o Pedro (Agilson) e a fazer mais os filmes e fotos, e então o espaço físico do ateliê ficou desnecessário. Daí eu comecei a fazer eventos aqui na encruzilhada em frente à galeria, convidando outros artistas, e a produzir obras em colaboração. Fiz também uma pós em Marketing Cultural – eu já estava com a cabeça no sentido de pensar um espaço com os artistas por trás. Na época existia o espaço do Agora Capacete, que não era uma galeria, não vendia obras. Os museus basicamente estavam fechados, sem verbas, uma época econômica muito parecida com o que está acontecendo neste momento, novamente.

Foi quando me veio a ideia da galeria. Eu falei com a Laura, ela achou a ideia boa e eu a provoquei: "Só abro se você vier junto." Eu sempre brincava com a Laura que um dia ia representar o trabalho dela. E o Neto também tinha essa ideia de ter um espaço para promover discussões e estimular jovens artistas. Ambos articulavam muito de um lado e de outro e juntando com as coisas que eu fazia e almejava, era perfeito. E a cena carioca estava como sempre bombando; além do mais, sabíamos que queríamos mostrar artistas de outros estados e, num futuro próximo, de fora do país.

E quando abre a galeria?

A galeria abre no dia 6 de setembro de 2003. Eu brincava que a gente já era "independente" na véspera do 7 de setembro – o dia da Independência do Brasil –, pois a gente percebia isso também, uma vez que o Agora Capacete tinha conseguido um patrocínio de uma empresa e essa empresa ajudou no primeiro ano, mas depois não houve continuidade e cada um seguiu o seu caminho. E aí a gente começou a pensar como se daria essa gestão de ter um espaço, uma galeria. De certa maneira, observar como funcionavam espaços de arte que eram subisidiados e que desejavam manter um programa, mas os acordos de patrocínio não seguiam a mesma verve e gana e acabavam se rompendo. Fomos enfáticos em não querer grana do governo e partimos para o comércio, isso também foi uma determinância política, algo político pra gente. Optamos por inverter o processo e passar para o outro lado do balcão, nos colocando no lugar daquele que nos representava.

E como você, naquele período, pensava esse espaço?

Na minha cabeça eu achava que esse espaço seria um espaço aberto, público, com os artistas, para os artistas. Não imaginava imediatamente uma galeria – eu nunca tinha vendido nada na minha vida. A questão da galeria veio muito pela experiência também do Neto, com as galerias dele, especialmente pela experiência dele com o Marcantonio Vilaça, que, curiosamente, nos primeiros encontros, baixava o santo no Neto para me transmitir um pouco da experiência e tal.

E aí veio essa questão de ser uma galeria e de ter, claro, como objetivo, também, ser independente e não depender de nenhuma assinatura, nenhuma empresa, e A Gentil então já nasce como uma galeria, mas uma galeria de artistas.

Como foi o primeiro ano da galeria?

Eu lembro que, no primeiro ano, a gente fez mais de 14 exposições, foi uma coisa alucinante. Todas de artistas jovens, um grande diferencial, eu acho, naquele momento, A Gentil estar com foco nos jovens artistas, que era algo que você não via, pelo menos não com aquela força, aquela intensidade.

Porque a gente sabe que os preços são baixos e as galerias preferiam os artistas mais consagrados. Mas a gente podia correr todo o risco. Lembro que, no comecinho, eu ficava sozinho na galeria, e quando saía para almoçar colocava uma plaquinha na porta, "Fui almoçar e volto já". Era uma coisa de ter a arte e a vida juntas com a sua intensidade. Tanto que, para mim, esse momento foi bastante simbólico, lembrando que faz agora alguns dias da morte do Antonio Dias, e a primeira obra que a gente vendeu na vida foi para o Antonio Dias, na primeira exposição, que foi o Fabiano Gonper, um artista paraibano que ninguém conhecia.

Quais artistas do período inicial da galeria ainda permanecem representados pela Galeria?

Bem, eu não vou lembrar das datas das primeiras exposições, mas tem a própria Maria Nepomuceno, que veio do Abre Alas, que agora chega também para celebrar, e vários outros artistas estão conosco há muito tempo, o Jarbas Lopes, Opavivará!, a Maria Laet, que agora vai estar na Bienal, a Vivian Caccuri, e outros artistas que fizeram o projeto da Parede Gentil, como, por exemplo, o Arjan, que, se não me engano, participou de um Abre Alas e, anos depois, começou a ser representado pela gente.
A Parede Gentil, o Abre Alas, a Camiseta Educacão são projetos que agregam outras formas de atuação da galeria para dar visibilidade à produção artística contemporânea, um viés educativo que acaba por provocar um novo olhar, de um novo público...

No começo, teve uma exposição que foi marcante, que se chamou "Educação Olha", em que mais de 60 artistas foram convidados para expor, para apresentar desenhos, o desenho como primeiro alfabeto do artista, o pensamento que vai para a mão e faz nascer a obra. E aí, em algum momento eu, Neto e Laura sentados aqui em frente - que nessa época tinha um bar - e a gente olhando para aquela parede, a lateral, a empena da galeria, uma parede branca e pensamos: "Nós temos essa parede! A gente tem que colocar arte ali." A arte tem que vir pra rua, a arte tem que estar ali, contaminando o público, o SAARA, e aí nasceu o projeto da Parede Gentil. E logo depois da mostra Educação nasce o projeto da "Camisa Educação", que, no momento, já está na edição nº 80, uma edição especial de celebração dos 15 anos assinada por mim, Laura e Neto. Desde 2008, a cada inauguração das exposições da galeria, convidamos um artista para lançar uma nova edição da camisa contendo a palavra "EDUCAÇÃO". É uma semente, uma provocação que fazemos para os artistas pensarem sobre a educação, e daí recebemos dele um desenho/camisa/objeto de reflexão sobre o assunto, porque acreditamos que podemos fazer um pouco mais, que temos que fazer um pouco mais.

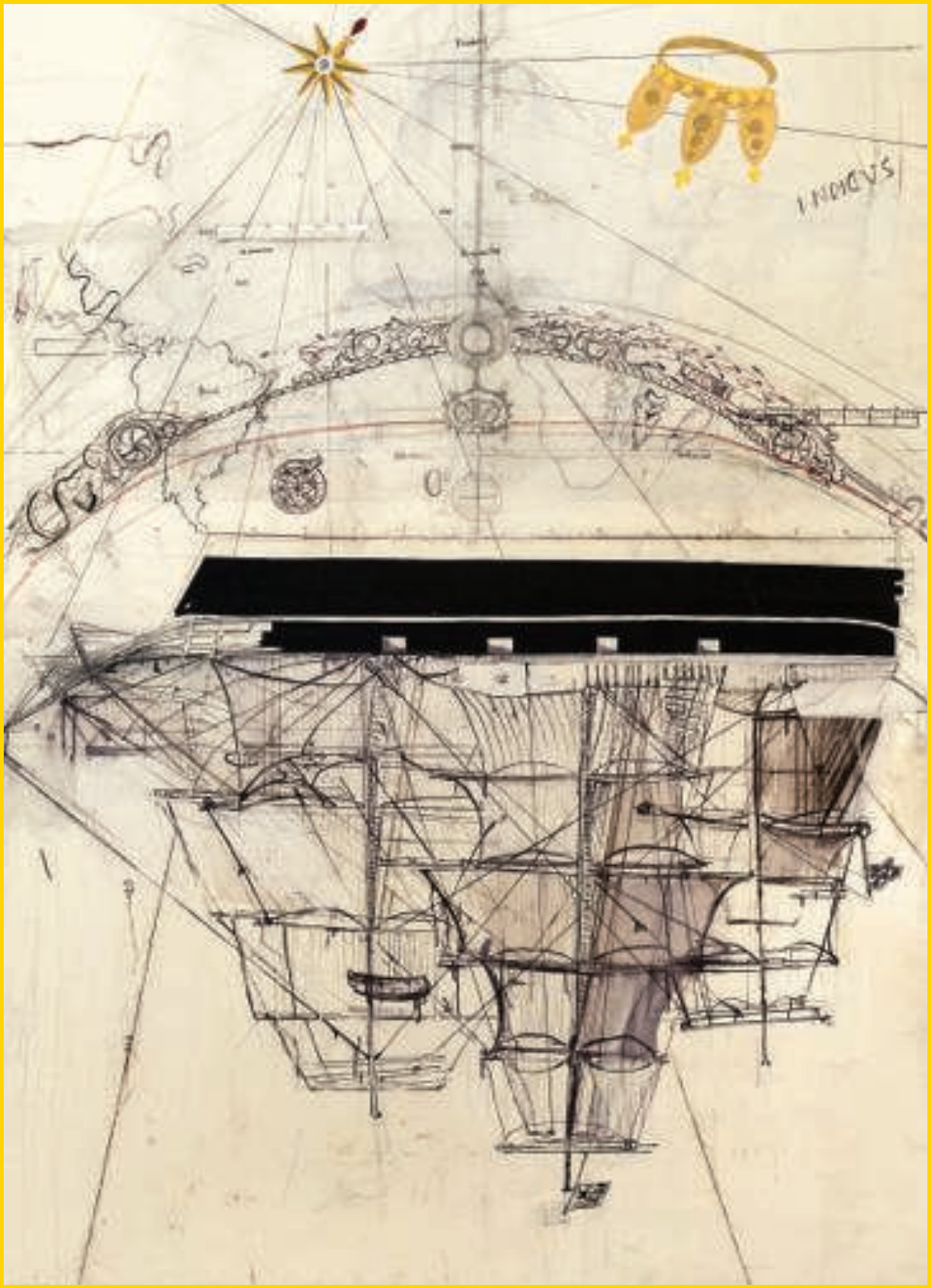
Você acha que isso é o diferencial da Galeria, um modo de dizer que a galeria de arte não deve apenas estar voltada para questões de mercado, mas deve se voltar para fora do sistema e alcançar o público fora dos limites do cubo branco também, de estar aqui plantada em meio ao SAARA? Você acha que isso promove a curiosidade pela diferença, pelo novo?

Eu acho que sim, é o que a gente é, eu acho que a força da gente é lutar fazendo força para sempre renovar e ser verdadeiro fazendo aquilo em que a gente acredita. Começamos a fazer o projeto da "Parede" e, desde o primeiro, fomos vendo que as pessoas que andavam no entorno, no começo, se perguntavam "quem são esses loucos", e questionavam, "qual a função disso", "isso não tem função", "gastando dinheiro à toa..."

E a gente respondia: "Isso é arte. O que você está vendo?" "Ah, eu vejo isso, ou vejo aquilo...", e então, já na segunda parede eles começam a comparar uma com a outra e começam a perguntar, e você tem oportunidade de conversar, de transmitir, e começa a ver que o dono do bar, o que trabalha na loja de couro, na loja de calçado, no cabeleireiro, eles começam a formar uma opinião sobre aquilo, a ser contaminados pela arte. E foi só a partir da experiência vivida nessa encruzilhada aqui da frente da galeria que a gente também começou a perceber que, se a arte pode contaminar, ela pode fazer uma pessoa pensar no seu dia de modo diferente, ou que a vida pode ser diferente e trazer um questionamento diferente. É essa contaminação que se dá pela vizinhaça, e pela continuidade de um projeto – e a Parede, são 13 anos de projeto. A cada parede a gente tem um colecionador para apoiar, para falar da importância do colecionismo, de quem acredita no artista e terá que cuidar da obra. E aqui tem um projeto em que a gente convida um colecionador para apoiar, mas ele não tem nada em troca, ele tem um convite e o nome dele na parede, mas não tem um objeto em troca e sim a possibilidade de estar apoiando um espaço de arte pública no centro do Rio e vai nascendo.

O Abre Alas é um projeto que a gente realiza desde o segundo ano da galeria e que nasce meio que por um susto: um buraco que a gente tinha, uma exposição que não pôde acontecer e a galeria logo no primeiro ano já tinha recebido uma enorme quantidade de portfólios de artistas que vinham entregar, e que a gente não tinha solicitado, e vimos esse tesouro em nossas mãos e então nos reunimos e lançamos o "Abre Alas". A gente escolheu um grupo de artistas e assim nasceu o primeiro Abre Alas. E depois a gente começou a convidar outros artistas, curadores e colecionadores para escolher os artistas e a nossa última edição teve mais de 500 artistas, dos quais nós escolhemos 25. E é uma produção difícil, sem apoio, e a gente começou, lá no início, a fazer um catálogo, e agora a gente conta com

A Gentil então já nasce como uma galeria, mas uma galeria de artista



Arjan Martins | Rio Setecentista | coleção Instituto PIPA | 2013

Opavivará!

Página Esquerda:
Rede Social | A Gentil Carioca | 2017

Página Direita:
Tupicolé | 2017
Transnomade | 2018
Utupya | Tate Liverpool | 2018

A gente tem sempre, a gente tá aí, acreditando em novos artistas

a parceria da babEL, que também pode dar fala ao jovem artista, porque é muito difícil falar no começo da carreira. Porque, em geral, só se vai querer escutar o artista lá na frente.

É verdade que comercializar a arte foi e é importante desde o começo, mas dar vazão e voz a outros projetos passou a ser um tipo de missão.

Vocês vêm, a longo período, participando de feiras internacionais importantes e, por consequência, lidando com o mercado e com os colecionadores. Qual o perfil desse colecionador que se aproxima da galeria?

Tem pessoas que, além de ser advogados, engenheiros, médicos, são também colecionadores. Que têm um tempo de pesquisa, de envolvimento, de dedicação, não só no Brasil, mas internacionalmente, que participam de conselhos em museus e f undações, que têm o desejo de participar e de querer que a arte brasileira seja internacional. Por outro lado, você tem colecões, aqui, que começam a incorporar artistas internacionais e muitas hoje já ganham um outro voo, e eu acho que isso advém muito da aproximação que se deu nos últimos anos. Porque, se voce pensa que são 15 anos dessa circulação forte, não só dos artistas brasileiros, mas das galerias, desses colecionadores que, digamos, se preparam, acompanham a galeria, acompanham o artista... São vários momentos, vários níveis. Tem o colecionador que adquire a primeira obra, o que vem indicado por alguém, o que ouviu falar da galeria, alguém que ouviu falar do artista e uma sequência de feiras que também geram um público... O mundo está muito mais perto. E tudo é um somatório de esforços de uma série de agentes, feiras, galeristas, museus, curadores brasileiros que viajam e fazem exposições, e estrangeiros que vêm aqui. E, curiosamente, fazemos as feiras mais importantes do mundo e somos a única galeria comercial gerida por artistas no mundo, ou pelo menos que sabemos, nestas feiras das quais participamos.

E quais os novos projetos?

A gente tem sempre, a gente tá aí, acreditando em novos artistas, agora, por exemplo, estamos com a exposição do Maxwell Alexandre, um jovem artista que nunca havia exposto. E assim vamos: trocando, ajudando, aprendendo e se renovando sempre, visualizando o novo.

Você acha que o fato de a galeria ser uma galeria de artistas dá a ela essa inquietude, esse frescor, essa disposição para enxergar o novo, de querer o novo?

Acho que sim, esse olhar próximo e atento do artista. Como quando a gente viaja – eu e muito mais até o Neto e a Laura – a gente encontra outros artistas e parece que isso nos deixa mais leves para continuar, para levantar voo e poder correr riscos. Por não estarmos presos a uma estrutura muito pesada, é possível esse equilíbrio, de saber como a gente pode ocupar a encruzilhada, ocupar o SAARA e, ao mesmo tempo, estar numa feira e aberto para o que é novo.

Página Esquerda: Laura Lima | Máscara | Cortesia o Artista e A Gentil Carioca | 2017
Página Direita: Maxwell Alexandre | Sem título | Cortesia o Artista e A Gentil Carioca | 2018

Poesia do Sim

NEPOMUCENO

Conversa com Armando Mattos

Barriga | 2018

Brasiliana | Schirn Kunsthalle | 2013

Quais as novidades que chegam agora com essa sua individual n'A Gentil?

Há muito tempo que eu não mostro trabalhos aqui no Rio. N'A Gentil, a última mostra que fiz foi em 2009, ainda que tenha participado em projetos solo da galeria nas feiras fora do Brasil. Na verdade, meu trabalho é um trabalho de desenvolvimento, um trabalho que já tem um repertório de materiais, de que eu gosto muito, materiais que fazem sentido dentro da poética do trabalho, materiais que têm um desenvolvimento próprio, uma forma própria, mas que, ao mesmo tempo, se desenvolvem todos juntos, dentro de um grande corpo que é o próprio trabalho.

Que mudanças surgiram no trabalho nesses últimos nove anos?

Assim como a cerâmica, por exemplo, que é bem orgânica, nas contas gigantes de repente começaram a aparecer fendas que não existiam. Várias formas com fendas, que são vazadas e dali surgem novos elementos. Tem também alguns materiais novos que eu tenho incorporado, como a madeira, que aparece na forma de pincéis gigantes. São galhos que se transformam em pincéis – porque eu tenho essa questão da pintura, eu comecei pintando e depois eu parei de pintar, e até hoje eu tenho saudade de pintar, não do tema em si, eu tenho saudade dos materiais, principalmente da tinta, dos pincéis, do cheiro de ateliê. Isso é uma coisa de que eu sinto muita saudade, mas realmente eu não tenho muito assunto na pintura, meus assuntos são escultura, instalação, ainda que eu goste muito dos elementos da pintura. E o pincel é um desses novos elementos, a ideia é um pouco como se os meus [pincéis], que estão parados há muito tempo, tivessem criado raízes, se bifurcado e se "organificado" novamente, perdendo aquela forma industrial. Assim como alguns elementos figurativos que a gente reconhece do cotidiano, como as pérolas que você está vendo e que são pérolas perfeitas e agora vão sendo deformadas. Isso porque eu trabalhava com formas geométricas muito perfeitas e, aos poucos, eu fui criando imperfeições, sem me ater tanto à questão da esfera perfeita, que era quase uma obsessão.

Como foi o trânsito da pintura para a escultura e as instalações?

Eu comecei a fazer Parque Laje aos 14 anos, a fazer pintura e modelo vivo como adolescente, então eu já produzo há muito tempo, mas eu só comecei a mostrar mais tarde. Desde a infância minhas brincadeiras eram grandes instalações, isso era o que me divertia, criar grandes instalações. Tinha uma brincadeira que eu amava que era pegar folha de jornal e fazer bolinhas amassando as folhas de jornal. Eu ficava três dias fazendo bolinhas e enchia o meu quarto – que já tinha uma marca cinza –, eu brincava, eu chamava as minhas amigas e a gente brincava e, em duas horas, os jornais abriam todos e acabava a brincadeira. Era muito mais o processo de fazer, de ficar dias enchendo o quarto, do que de brincar em si.

Vital | Sikkema Jenkins & Co | 2018

Sem título | 2017

Refugio Afetosyntesis | Stavanger Kunstmuseum | 2017

Tempo para Respirar | MAM RJ | 2013

Assim, eu gostava do processo, eu brincava de fazer uma loja no meu quarto, a brincadeira durava minutos, mas a graça era botar preço em tudo, arrumar tudo, botar prateleira... Minhas brincadeiras eram assim, grandes instalações, era transformar o meu quarto. Eu gosto de pensar que a arte tem essa coisa divertida, um lado do prazer. E as minhas obras estão assim num estado de prazer e felicidade, é a própria essência do trabalho. Tem uma obra que eu fiz em 2014, inspirada naquela obra da Yoko Ono, em que ela escreveu 'sim' no teto de uma galeria e botou uma escada, e foi quando o John Lennon conheceu a Yoko, que ele foi nessa mostra e subiu nessa escada e viu esse 'sim' no teto e disse: "Eu quero conhecer essa artista." E essa obra tem esse simbolismo de amor ali por traz dela. Então esse 'sim' é o sim que eu tenho dentro do trabalho. Eu gosto que todo o trabalho tenha essa ideia de energia vital.

Você acha que arte cura?

Com certeza! Eu sempre falo isso. Já vi vários exemplos de pessoas que realmente começaram a se aproximar de arte e conseguiram transformar suas vidas, a arte tem esse poder. A arte cura, a arte alimenta. E tem gente que não consegue ver a importância da arte. Tem gente que diz que a arte não serve pra nada e que a arte tem que ser alguma coisa, mas não imagina o mundo sem arte.

Novos projetos?

Estou desenvolvendo o projeto de um livro-obra em parceria com UQ Editions que terá poucos exemplares, cada um contendo uma obra original. Pra isso, eu comecei a pensar nessa questão do papel e então eu tive que mudar os materiais com que eu costumo trabalhar, que são materiais bem escultóricos, então eu comecei a desenvolver uma série de trabalhos que são colagens, uma mistura de colagem e pintura que acontece a partir de imagens de partes de obras. Então tem a textura do trabalho, o trabalho tridimensional transformado em bidimensional. As fotos foram feitas pela Nana Moraes, com uma câmera incrível de hiper-resolução que faz fotos com uma definição absurda, uma riqueza na textura das imagens que você até se confunde, fica meio sem entender se ela é bidimensional ou tridimensional. Então é um novo caminho que vem surgindo. Um caminho onde eu posso exercer um pouco mais dessa saudade da pintura que eu tenho, onde eu posso usar a tinta, o pastel e a colagem. É mais um desdobramento do meu trabalho.

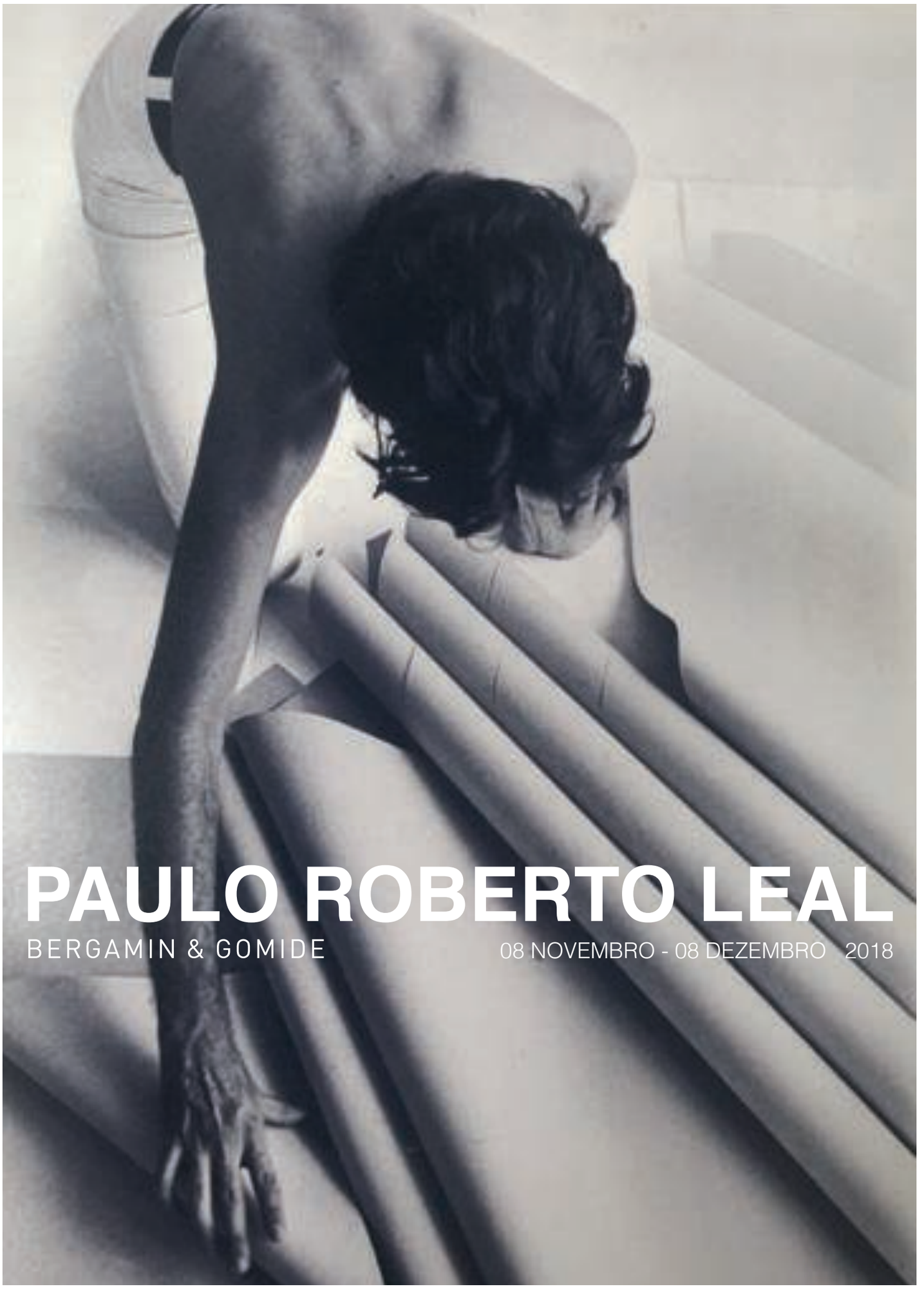
Estou envolvida também com outro projeto, com a Casa Nem, para onde estou doando um trabalho para ajudar esse espaço que atua com grupos LGBT's, com pessoas que, de alguma forma, não conseguiram mais ficar em casa, que foram expulsas de casa, e ali é um abrigo para essas pessoas que oferece várias atividades relacionadas à arte.

Então você, como alguns outros artistas hoje, tem se envolvido com atividades sociais, políticas?

Sim. É estar envolvido com a população de alguma forma, com grupos, com situações. Então, no caso do leilão pra Casa Nem, o que estou doando tem uma relação com performance, com o público. Tem uma interação, ele pede uma interação das pessoas. Eu estou querendo conhecer – eu ainda não estive na Casa Nem –, então eu estou querendo conhecer para propor uma interação bacana com eles, porque parece que é um lugar incrível, realmente especial, de acolhimento de pessoas.

Eu estou envolvida também em um outro projeto, que é um memorial que vai ser feito na Maré, que foi um pedido da população de lá, um memorial que vai homenagear as pessoas que foram mortas, vítimas da violência, uma história que já vem de muito tempo, como as invasões policiais, o assassinato de pessoas, as guerras entre grupos... Infelizmente, é uma história muito triste na Maré, e a gente foi convidado por uma ONG chamada Rede Maré, que tem um trabalho incrível lá de inclusão de jovens, grupos de estudo, um trabalho já de muito tempo.

Sem título | 2008



PAULO ROBERTO LEAL

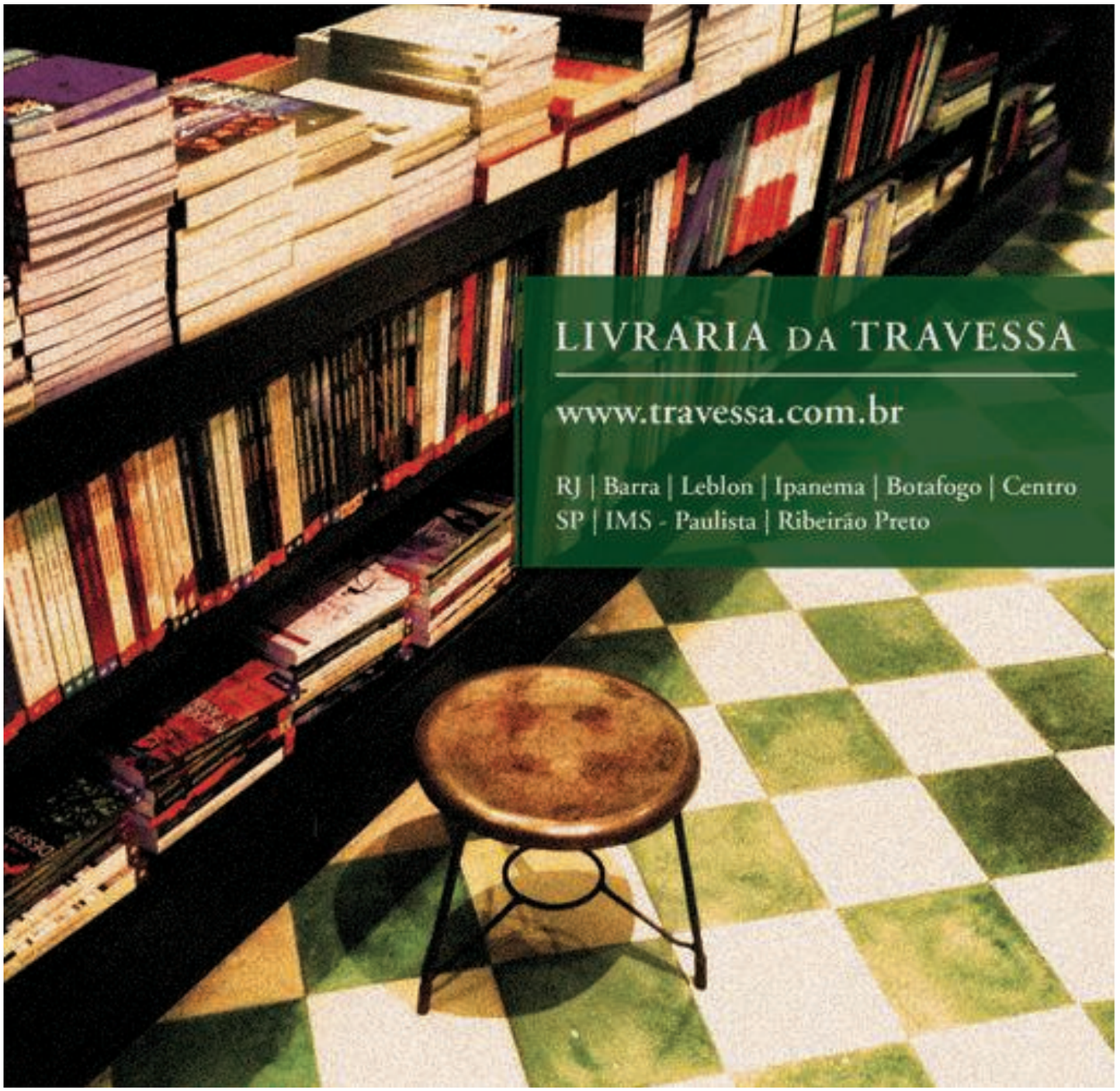
BERGAMIN & GOMIDE

08 NOVEMBRO - 08 DEZEMBRO 2018

ARTE É VIDA
ARTE É AMOR
ARTE É HISTÓRIA
LUTE PELA ARTE

MUSEU NACIONAL
UFRJ

EM MEMÓRIA 1818 | 2018


LIVRARIA DA TRAVESSA
www.travessa.com.br
RJ | Barra | Leblon | Ipanema | Botafogo | Centro
SP | IMS - Paulista | Ribeirão Preto